

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)



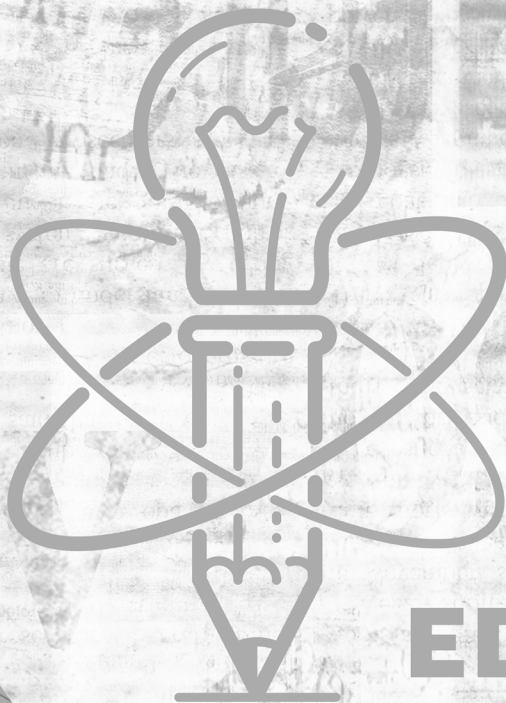
A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos

 **Atena**
Editora
Ano 2023

4

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)



A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos

 **Atena**
Editora
Ano 2023

4

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

A educação enquanto fenômeno social: políticas educacionais e o saber e o fazer educativos 4

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
E24	<p>A educação enquanto fenômeno social: políticas educacionais e o saber e o fazer educativos 4 / Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0996-0 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.960231602</p> <p>1. Educação. I. Basquerote, Adilson Tadeu (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O cenário social atual, permeado por aceleradas alterações econômicas, políticas, sociais e culturais exige novas formas de compressão das relações de entre os indivíduos e desses com o conhecimento. Assim, os processos educativos auxiliam no desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades mentais indispensáveis para o convívio social. Nesse contexto, a obra: **A educação enquanto fenômeno social: Políticas educacionais e o saber e o fazer educativos 4**, fruto de esforços de pesquisadores de distintas regiões brasileiras e estrangeiras, reúne pesquisas que se debruçam no entendimento das perspectivas educacionais contemporâneas.

Composta por dezoito capítulos, a livro apresenta estudos teóricos e empíricos, que versam sobre os processos pesquisa, ensino e de aprendizagem sob a perspectiva de seus atores e papéis. Com efeito, apresenta cenários que expõem experiências que dialogam com distintas áreas do conhecimento, sem contudo, perder o rigor científico e aprofundamento necessário.

Por fim, destacamos a importância da Editora Atena e dos autores na divulgação científica e no compartilhamento dos saberes cientificamente produzidos, à medida, que podem gerar novos estudos e reflexões sobre a temática. Ademais, esperamos contar com novas contribuições para a ampliação do debate sobre a educação enquanto um fenômeno social.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

CAPÍTULO 1 1

APROXIMACIONES A LA COMPLEJIDAD SOCIAL DEL EMBARAZO ADOLESCENTE EN EL MUNICIPIO EL SALVADOR EN GUANTÁNAMO, CUBA


Karina Velázquez Pérez

Banaily Muñoz Padilla

Lilian Lorente Ocaña

Adilson Tadeu Basquerote


Eduardo Pimentel Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316021>

CAPÍTULO 2 18

A ESCOLA NA PRISÃO: UMA ANÁLISE PROFUNDA SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DO CURRÍCULO ESCOLAR PARA O PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO SOCIAL DOS SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE


Giovanna Vanessa do Nascimento Cornélio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316022>

CAPÍTULO 328

A INCLUSÃO DAS TDIC POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DE SMARTPHONE NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) – ENSINO FUNDAMENTAL

Carlos Felipe da Silva Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316023>

CAPÍTULO 4 41

ACESSIBILIDADE CURRICULAR: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS DE ALUNOS DO PROGRAMA TUTORIA

Guilherme da Silva Araújo

Alexsandro Ricardo M. R

Celma Rocha Silva

Lúcia C. Gomes dos Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316024>

CAPÍTULO 549

A CULTURA INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA NO UNIVERSO INFANTIL

Marina Inês Jantsch Bergamaschi


Jurema de Fátima Knopf







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316025>


CAPÍTULO 664

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS NO BRASIL: CONCEPÇÕES, TENSÕES E RUPTURAS (1940-1980)

Leni Rodrigues Coelho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316026>

CAPÍTULO 7	77
A EDUCAÇÃO “FÍSICA” NUNCA FOI SÓ “FÍSICA”	
Ubiratan Silva Alves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316027	
CAPÍTULO 8	88
A EXALTAÇÃO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA COMO FONTE DE AMPLIAÇÃO DE SABERES E DE REFORÇO POSITIVO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Fernando Schinimann	
Maria Aurineide de Castro Costa	
Sílvia Cristina de Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316028	
CAPÍTULO 9	90
A EXPANSÃO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DO PIAUÍ-IFPI: 110 ANOS DE HISTÓRIA	
Maria Keila Jeronimo	
Antonio Basílio N. Thomaz de Menezes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316029	
CAPÍTULO 10	99
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE QUÍMICA NA MODALIDADE EaD: PERCEPÇÃO DOS LICENCIADOS DO NEaD/UFERSA	
Antônio de Andrade Queiroz	
Leonardo Alcântara Alves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160210	
CAPÍTULO 11	112
A INCLUSÃO E A ACESSIBILIDADE DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS EM ESCOLAS REGULARES	
Cibele Mai	
Leila Maria Goi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160211	
CAPÍTULO 12	117
A LEITURA DE MUNDO POR MEIO DA ARTE E GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS	
Iara Cíntia da Silva	
Ozianne Pinheiro de Sousa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160212	
CAPÍTULO 13	126
ALTERIDADE, ÉTICA E EDUCAÇÃO NO COTIDIANO DA PANDEMIA DA COVID-19: O PRESENTE QUE NOS INTERPELA	
Cleusa Távora de Carvalho	


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160213>

CAPÍTULO 14..... 138

AMBIENTALISMO E ECOFEMINISMO DE VANDANA SHIVA: CONCEITOS E LIMITES

Bruna Gabriela Bondioli Possebon


Roger Domenech Colacios

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160214>

CAPÍTULO 15..... 156

ANÁLISE DE CONCEITOS SOCIOAMBIENTAIS ENTRE ALUNOS E PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SALVADOR- BAHIA


Isabelle Pedreira Déjardin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160215>

CAPÍTULO 16..... 170

A ORALIDADE DAS CRIANÇAS DE QUATRO ANOS DE IDADE E AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Elieusa de Sousa Silva Filgueiras

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160216>

CAPÍTULO 17..... 178


A ORGANIZAÇÃO DAS COLETIVIDADES PARA UMA GESTÃO DE SALA DE AULA

Giovani de Paula Batista

Angela Harmatiuk

Alexandre Rafael do Bomfim Almeida


Jamaira Jurich Pillati

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160217>

CAPÍTULO 18..... 187

DIDÁTICA NA RESISTÊNCIA AO EPISTEMICÍDIO DAS DEZ COMPETÊNCIAS DA BNCC

João José do Nascimento Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160218>

SOBRE O ORGANIZADOR 195

ÍNDICE REMISSIVO 196

ANÁLISE DE CONCEITOS SOCIOAMBIENTAIS ENTRE ALUNOS E PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SALVADOR- BAHIA

Data de aceite: 01/02/2023

Isabelle Pedreira Déjardin

RESUMO: O objetivo deste artigo consistiu em analisar conceitos de sustentabilidade, meio ambiente e educação ambiental entre alunos e professores de uma escola pública de ensino fundamental localizada no bairro do Cabula, em Salvador, Bahia. Foram aplicadas entrevistas com quatro professores das turmas do turno matutino dos Temas Transversais de Cidadania, Meio Ambiente e Ciência e Tecnologia. Questionários mistos foram aplicados com um total de quarenta alunos das respectivas turmas. As questões motivadoras das entrevistas e questionários envolvendo temas socioambientais foram: O que você entende por sustentabilidade? Para você, o que é meio ambiente? O que é educação ambiental? Os resultados apontaram a diversidade dos problemas socioambientais contemporâneos bem como os desafios e potencialidades dos sujeitos em suas práticas educativas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; escola; meio ambiente.

ANALYSIS OF SOCIAL AND ENVIRONMENTAL CONCEPTS BETWEEN STUDENTS AND TEACHERS OF A PUBLIC SCHOOL IN SALVADOR- THE CAPITAL OF BAHIA STATE

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze the concepts of sustainability, environment and environment education among students and teachers of a public elementary school in Cabula neighborhood in Salvador the capital of Bahia State. Thus, interviews were applied to four teachers of the classes from the morning shift: Citizenship, Environment, Science and Technology Main Themes. Mixed questionnaires were applied to forty students selected from the respective classes. The motivating questions with respondents and involving social-environmental issues were: What do you mean by sustainability? For you, what is the environment? The results point of the diversity of social-environmental problems in the contemporaneity, as well as the challenges and potentiality of teachers and students in these educational practices.

KEYWORDS: Highlighting education; school; environment.

1 | INTRODUÇÃO

Temas socioambientais têm sido intensamente discutidos na contemporaneidade. Em nível acadêmico e científico o debate se amplia, suscitando tensões, polaridades e controvérsias, especialmente em contextos econômicos mais pragmáticos da atualidade, como os de desenvolvimento e progresso. Abordar a problemática ambiental/socioambiental é buscar superar as polêmicas que envolvem processos mais amplos de conhecimento, indo além das visões reducionistas, fragmentadas e disciplinares da contemporaneidade que acabam separando as questões sociais das ambientais, e vice-versa. Em pleno século XXI e diante de problemas socioambientais crescentes, torna-se visível a necessidade de reconhecer as bases éticas de convívio e respeito nas relações entre sociedade e natureza. Assim sendo, define-se a sustentabilidade como um conceito plurifacetado que envolve não somente os ecossistemas e seus processos, mas especialmente o bem-estar das sociedades e comunidades sustentáveis em suas dimensões sociais, econômicas e políticas (DIEGUES, 2003).

Reconhecendo a importância dos temas socioambientais para as escolas públicas brasileiras de ensino básico, os documentos oficiais que compõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e os Temas Transversais elaborados pelo Ministério da Educação (MEC) afirmam que a realidade socioambiental deve ser apreendida pelos sujeitos através da educação, tendo em vista que esta contribui para formar cidadãos aptos a intervir nos problemas socioambientais de cunho local e global (BRASIL, 1998). Com isso, são enfatizadas as atitudes individuais e coletivas na formação de valores para a cidadania, incluindo a necessidade de considerar as relações desenvolvidas com a natureza. Infere-se que o objetivo seja formar cidadãos para a vida e para o mundo, capazes de atuarem em suas próprias comunidades e nos sistemas biológicos e culturais nos quais estão inseridos.

Diante dessas considerações, a sustentabilidade, o meio ambiente e a educação ambiental foram elementos de análise de pesquisa de campo realizada entre setembro a dezembro de 2014 em uma escola pública situada no bairro do Cabula, em Salvador, Bahia. Pelas suas características urbanas, econômicas, sociais, territoriais e ambientais, o Cabula e bairros do entorno vêm passando por diversas transformações ao longo de sua história de ocupação (FERNANDES; LIMA, 2013). Nesse contexto está inserida a Escola Estadual Visconde de Itaparica, unidade pública de ensino fundamental que funciona nos três turnos. Além das disciplinas obrigatórias, existem temas específicos que integram a formação desses alunos, com destaque para os Eixos Temáticos de Cidadania, Meio Ambiente e Ciência e Tecnologia.

A partir de pesquisa de campo, o objetivo deste artigo é analisar conceitos de sustentabilidade, meio ambiente e educação ambiental entre alunos e professores da escola investigada. Com base no entendimento de que a educação disciplinar do presente tem contribuído para separar, dissociar e disjuntar fenômenos de seu contexto (MORIN,

2000), dificultando a compreensão da integralidade da vida humana no planeta, partiu-se do pressuposto de que os entrevistados tenderiam a separar as questões sociais das ambientais, naturalizando conceitos quando se referissem ao meio ambiente. Na próxima seção, adentra-se na discussão desses resultados.

2 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha pela Escola Estadual Visconde de Itaparica como *locus* de pesquisa deu-se de forma não probabilística, dada a própria abordagem qualitativa adotada. Esse tipo de amostragem se caracteriza pela utilização de critérios escolhidos pelo pesquisador, não apresentando fundamentação matemática ou estatística, dependendo unicamente de critérios pessoais e subjetivos (GIL, 1999). Essa unidade educacional foi fundada em 1954 por meio do exército brasileiro, e está localizada na Rua Silveira Martins, s/n, bairro do Cabula, ao lado do 19º Batalhão de Caçadores (19º BC).

Assim, foram aplicadas entrevistas semiabertas com quatro professores das turmas do turno matutino dos Eixos Temáticos citados: com 40 alunos selecionados entre as respectivas turmas, foram aplicados questionários mistos (VERGARA, 2009). As perguntas motivadoras junto aos entrevistados e que envolveram a sustentabilidade, o meio ambiente e a educação ambiental foram: O que você entende por sustentabilidade? Para você, o que é meio ambiente? O que é educação ambiental? Dos 40 alunos que responderam aos questionários, 95% disseram morar na localidade do Cabula e entorno, estando divididos da seguinte forma: 45% em São Gonçalo do Retiro; 17,5%, no Cabula; 17,5% em Engomadeira; 5% em Estrada das Barreiras; 5% em Nova Sussuarana; 5% em outros bairros do entorno do Cabula e 5% em outros bairros de Salvador. Do total de alunos respondentes, 57,5% foram do sexo masculino e 42,5% do sexo feminino. A faixa etária predominante foi a de 13-14 anos (42,5%), seguida da faixa de 15-16 anos (37,5%). As outras duas faixas etárias com percentuais menores foram: 10-12 anos (15%) e mais de 16 anos (5%).

Participaram dos questionários 20 alunos de duas turmas de 6º ano, do Eixo Temático de Meio Ambiente; 10 alunos de uma turma de 8º ano, do Eixo Temático de Cidadania; e 10 alunos de uma turma de 9º ano, do Eixo Temático de Ciência e Tecnologia, temas escolhidos pela relevância apresentada para a pesquisa. Sobre os quatro professores que participaram da pesquisa, três foram do sexo feminino e um do sexo masculino, todos na faixa etária de 41-50 anos. A formação acadêmica em nível de graduação deste grupo foi de 75% em Letras e de 25% em Pedagogia, sendo que a formação acadêmica em nível de pós-graduação dividiu-se em duas especializações: 75% do curso de Metodologia do Ensino da Pesquisa e Extensão em Educação e 25% do curso de Educação Inclusiva. Dos quatro professores pesquisados, metade possuía até um ano de tempo de docência na escola; a outra metade, mais de 10 anos. Na pesquisa, os alunos estão representados de

A1 a A40; os professores como P1, P2, P3 e P4.

2.1 Meio ambiente nas práticas pedagógicas: diferentes percepções

Para P2, o tema de meio ambiente tem sido bastante explorado em sala de aula pelos professores e com os funcionários das empresas, além de se mostrar salutar para o bem-estar das pessoas:

Acho que o meio ambiente está muito em pauta, as pessoas estão trabalhando muito com esse tema em sala de aula, as empresas também estão discutindo esse tema com os funcionários, tendo cuidado para que as pessoas tenham uma vida mais saudável e preservem o ambiente em que a gente vive (P2).

É na diversidade de conhecimentos produzidos com os alunos que as falas dos sujeitos projetam o aprendizado e as experiências que desenvolvem com o meio ambiente, de modo a suscitar a complexidade inerente ao tema. Por isso mesmo, pode se originar da multiplicidade de perspectivas que os mesmos manifestam. Do total de 40 alunos, apenas um (2,5%) pertencente ao 6º ano não soube responder o que é meio ambiente. Nesse caso, 40% dos alunos respondentes citaram os elementos naturais para definir o meio ambiente, como água, plantas, mar, árvores, ar, flores, frutos, fauna, animais, florestas, matas, flora, alimentos, esquecendo-se, talvez por falta de entendimento, de que esse ambiente comporta, ao mesmo tempo, as sociedades e a si mesmos. Apesar de os alunos terem listado uma gama significativa de elementos naturais, não houve qualquer referência aos parques localizados especificamente no Cabula ou em áreas próximas, como o Jardim Botânico (Mata dos Oitis), situado no bairro de São Marcos; Parque Teodoro Sampaio, que fica no bairro de Mata Escura; ou a área de reserva ambiental do 19º BC, que fica ao lado da escola.

Então, os elementos citados pareceram “soltos”, descontextualizados no tempo e no espaço, como de um local imaginário para os alunos, e não de uma natureza conhecida pelos moradores da localidade. Apesar de 80% dos alunos respondentes morarem em bairros como São Gonçalo do Retiro, Cabula e Engomadeira, não foi feita nenhuma referência às áreas verdes preservadas de mata atlântica que estão localizadas próximas às suas moradias. Esses parques e reservas comportam diversidade de flora e fauna, inclusive o da Mata dos Oitis que desenvolve ações locais de educação ambiental. Também a reserva do Cascão, dentro da área do 19º BC, recebe visitantes com trilha local guiada por militares.

Os elementos naturais citados pelos alunos fazem parte dos ecossistemas que abrigam a diversidade biológica e também a cultural – enquanto sistema sociocultural. Esses ecossistemas incluem, em suas dinâmicas de organização da vida e dos seres vivos, as interações ocorridas entre os humanos e o meio ambiente e entre o ambiente com as outras espécies ali presentes, constituindo a visão multicêntrica de meio ambiente (FLORIANI, 2009). Para P3, todos os elementos se relacionam permanentemente, suscitando essa

perspectiva: “Meio ambiente é tudo o que nos cerca, que faz parte da Terra, seres vivos, não vivos, que contribuem e participam da vida de todos, dos relacionamentos” (P3).

Nesse contexto, o meio ambiente também pode ser entendido “como um campo de conhecimento e significados socialmente construídos, que é perpassado pela diversidade cultural e ideológica e pelos conflitos de interesse” (JACOBI, 2005, p. 244). Na visão de Maturana e Varela (1995), o meio ambiente é também uma forma de conhecimento, e conhecer é, segundo os autores, uma dinâmica constante de aprendizado e interação, na qual a autonomia do sujeito não pode ser reduzida a determinismos biológicos ou implicações naturais, sobretudo diante da dinâmica dessas relações.

Em relação aos resultados da pesquisa, o meio ambiente idealizado é aquele espaço que se mostra conservado e livre da sujeira e poluição causadas pela ação do homem. Infere-se que, para que esse meio ambiente deixe de ser aquilo que se mostra na realidade desses sujeitos – meninos e meninas habitando, em sua imensa maioria, em bairros com condições precárias de infraestrutura, serviços públicos, coleta de lixo e saneamento ambiental, caso dos bairros de São Gonçalo do Retiro e outros do Cabula e entorno – é preciso que ele seja o seu contrário. A30 exprime com precisão como essa dualidade pode fazer parte de uma mesma percepção socioambiental: “É uma parte que ainda existe no mundo que ainda não está poluído, também um lugar onde a gente vive” (A30).

Nesse sentido, o aluno diz que o meio ambiente pode ser um lugar que existe no mundo, mas que ainda não foi poluído, incluso o lugar em que se vive; conclui-se, portanto, que este último já se encontra poluído, ainda assim fazendo parte do mesmo espaço físico. Para A29, o meio ambiente tem um sentido de ser uma coisa e outra: apesar de utilizar o termo ou, o aluno indicou ambos ao mesmo tempo; a natureza e o ambiente de moradia, conforme sua fala: “Meio ambiente para mim é toda a natureza ou ambiente onde vivemos”. Alguns alunos informaram que as pessoas estão incluídas nesse meio, como na frase de A19: “O meio ambiente é a natureza, os seres vivos e as pessoas”. Na maioria das respostas, contudo, generalizou-se o meio ambiente a partir de um entendimento naturalista, teórico, físico e espacial, por isso menos integrativo, considerando a ideia de que quem fala é o aluno-cidadão em processo formativo.

Para A25, meio ambiente é um lugar de ampla limpeza e grandes árvores no qual você vive, e não um lugar em que nós vivemos, podendo sugerir uma idealização das condições de negação da realidade vivenciada: “É um lugar que você vive, e que tem grandes árvores limpas com essa ampla limpeza”. O mesmo se pode dizer da fala de A16: “Um lugar limpo com árvores, flores, com grama e rios e animais”. Que lugar é esse? Um lugar desprovido da presença humana e dos problemas socioambientais? Ou uma cidade (ou região) em que os cidadãos e as políticas públicas demonstrem preocupação e preparo para lidar com a natureza, no esforço em minimizar a multiplicidade de impactos causados sobre o meio ambiente e seus ecossistemas, proporcionando maior qualidade de vida para

seus habitantes? A frase de A10 fornece pistas de que, para os alunos, existem relações de troca por uma melhor qualidade de vida, na qual as sociedades também se beneficiam: “O meio ambiente é uma das causas que ajuda a gente o ambiente dá aquilo que nos fortalece”.

Parece visível que, para os alunos, mesmo o planeta (ou mundo) necessita dessa qualidade e proteção, ainda que dependentes de algumas ações, apesar de não ficarem claros os meios que dispõem para alcançá-las. Conforme P1:

A minha concepção é de que o meio ambiente é tudo o que está à nossa volta, e é um ambiente que tem que ser preservado, à risca, principalmente para as gerações vindouras, não estamos preservando, nós, que já temos aí uma idade até um pouco mais avançada, quero dizer, até a consciência vem a partir das pessoas, a pessoa que tem dezoito anos hoje, a exemplo, o jovem, vai preservar o meio ambiente pras gerações futuras, para o planeta na verdade (P1).

Reconhecendo o meio ambiente como tudo o que nos circunda, incluindo o planeta, P1 comenta que a geração atual não está conseguindo realizar essa proteção de maneira eficiente cabendo aos jovens essa tarefa árdua. É nessa perspectiva que a solução dos problemas ambientais “tem sido considerada cada vez mais urgente para garantir o futuro da humanidade e depende da relação que se estabelece entre sociedade/natureza, tanto na dimensão coletiva quanto na individual” (BRASIL, 1998, p 169). Muitos dos problemas socioambientais da Região do Cabula e entorno surgem em meio aos processos desordenados de ocupação urbana, nos quais as comunidades locais acabam incorrendo em ações de desmatamento e descarte inadequado de resíduos, provocando um aumento da poluição de leitos de rios, córregos, represas e mananciais, impactando a sobrevivência dos remanescentes das áreas verdes do município, como afirmam Nunes e Souza (2007).

É visível o desconhecimento por parte de comunidades do Cabula e entorno no que se referem aos rios, represas, parques e outros recursos ambientais presentes na localidade, mostrando que a maioria da população jovem desconhece a história do bairro e a importância dos valores socioculturais e ambientais locais, muito em parte decorrente das políticas públicas que não valorizam as ações e noções de pertencimento sociocultural (SILVA, 2011). Isso demonstra a necessidade de políticas públicas que incentivem outros atores sociais a valorizar as comunidades que protegem o meio ambiente, cabendo aqui uma referência especial aos territórios religiosos e quilombolas do Cabula e entorno, nos quais se preza a proteção dos elementos naturais do meio ambiente como símbolo de riqueza cultural e espiritual. Portanto, se a sustentabilidade é um fenômeno social que irá ganhar força no novo milênio, é também uma força geradora de possibilidades.

2.2 Sustentabilidade para além do senso comum

Como se apresentam os conceitos de sustentabilidade socializados em sala de aula na Escola Estadual Visconde de Itaparica? Do total de 40 alunos, 82,5% responderam

o que entendiam por sustentabilidade. Dos que não souberam responder (17,5%), 15% foram alunos de 6º ano e 2,5% (um aluno) de 8º ano. “São recursos necessários, é como já diz o nome, sustentabilidade, é uma sustentação, é um recurso necessário, que tem que ser conscientizado por todos, está entendendo, em relação justamente ao planeta, ter um planeta sustentável, fazer práticas sustentáveis, entendeu, muitas coisas necessitam justamente dessa questão da sustentabilidade” (P1). A partir das palavras de P1, é possível recuperar o conceito de sustentabilidade que coloca as práticas de sustentabilidade dos sujeitos como processo, e não como fim, caso do desenvolvimento econômico, que visa o crescimento econômico e não a sustentabilidade das comunidades, em um sentido ético que transcenda a religação com as comunidades tradicionais, como bem destaca Diegues (2003).

Ainda assim, é preciso lembrar que, em muitos casos, os sujeitos incorrem na separação entre uma sustentabilidade que advoga, por um lado, uma preocupação estritamente voltada para o meio ambiente, sem considerar, por outro ângulo, que “sustentabilidade”, *per si*, carrega multidimensionalidades e ambiguidades, elementos que fazem parte de um mesmo modelo de sistema econômico. Aliás, o tipo de modelo econômico do qual se vem tratando da reciclagem de resíduos e do uso e reuso de materiais domésticos, como descritos por P1 e P2, respectivamente:

Uma das coisas claras na contemporaneidade é a questão da reciclagem, a reciclagem vem justamente trazer uma sustentabilidade, um tipo de sustentabilidade para o nosso planeta, para o dia a dia, pras pessoas, porque se reciclando está procurando sustentar, não é? Sustentar um ambiente saudável pra viver (P1).

“Sustentabilidade, eu acho que as pessoas estão discutindo muito também nas escolas e nas empresas, é também o tratamento de coisas que não deveriam ser descartadas, para que não prejudiquem o meio ambiente” (P2). P1 relaciona a reciclagem com a qualidade de vida do planeta, destacando sua importância no contexto contemporâneo, já que reciclar é buscar sustentar as pessoas em um ambiente saudável para viver. “Eu trabalho muito com os meninos a coisa da sustentabilidade, trabalhando os oito R do consumo consciente, pedindo pra eles reciclar, reutilizar, responsabilizar-se” (P4). Portanto, a ordem é reciclar, reutilizar e não descartar, tanto mais quanto possível. Mas o que dizer da produção de bens de consumo, sempre maior à medida que se desenvolvem e crescem economicamente as sociedades?

Para P3, é possível aproveitar sem desperdiçar, e reaproveitar, evitando o consumo excessivo; para P4, o governo tem responsabilidade, ao não incentivar a reciclagem de livros ao final de três anos de uso, como nas falas a seguir, respectivamente: “Sustentabilidade eu acho que é você conseguir aproveitar sem desperdiçar, você usar sem usar o necessário, entende, não comprar em excesso, não gastar em excesso, e reaproveitar o que puder” (P3):

A mesma coisa lá na escola, às vezes eu fico vendo que tem muitos livros ali simplesmente jogados e o governo poderia fazer o quê? Fazer uma central de reciclagem no final dos três anos que o livro dura três anos, e eles recolherem todos esses livros pra reutilizarem, para fazerem cadernos, para fazerem outros livros, mas na verdade isso não acontece (P4).

Em meio à importância desses processos, tem-se uma difícil equação a ser resolvida pela sustentabilidade e que, ao final das contas, não fecha, dados os problemas socioambientais da atualidade. Como exemplo, o problema da escassez e ingerência da água, saneamento ambiental, poluição e tratamento do lixo, que aparecem interligados em um mesmo contexto complexo de sociedade. Como dissociar esses elementos da realidade socioambiental vivenciada por alunos moradores de bairros carentes que apresentam elevados índices de precariedade?

A turma de 9º ano foi a que mais associou os conceitos de sustentabilidade aos processos de reciclagem, especificamente à reutilização de materiais. Destes 10 alunos, 40% o fizeram, ainda que sem demonstrar uma reflexão crítica sobre as práticas de descarte de resíduos, como A32: “Reutilizar o que achar que não serve” e A34: “Tudo aquilo que reutilizamos”. Para A35, é a: “Reutilização de todo o material” e para A37: “Reciclar com os colegas”. Pela frase que A36 elaborou: “Preservar enquanto tem”, infere-se que o meio ambiente e os recursos naturais possuem um sentido de escassez, ora porque os humanos o estão exaurindo, ora porque em breve irá faltar ou desaparecer, pressupondo a necessidade de preservação. Mas de que modo esses alunos, em processo formativo, podem organizar suas ideias em torno de um tema que suscita reflexão, diálogo, habilidades e ação por parte do cidadão?

Nesse sentido, a educação tem um papel preponderante, contribuindo para uma visão de educação interdisciplinar na qual a ciência, a tecnologia, a sociedade e o meio ambiente possam ser dialogados em prol de uma sustentabilidade na formação escolar de ensino fundamental. Quando Morin (2000) analisa os sete saberes necessários para a educação do futuro, enfatiza que as sociedades humanas precisam de compreensão mútua. Por isso, o caminhar de respeito e ética das relações permite que se alcancem a convivência com as outras pessoas, a sustentabilidade do planeta e a solidariedade entre os indivíduos, na perspectiva de uma formação responsável, sustentável e emancipatória. “Sustentabilidade pra mim é a gente cuidar do nosso planeta, cuidar do que temos pra que isso permaneça durante muito tempo, ou seja, tornar o nosso planeta, a nossa sociedade, cuidar dos recursos naturais, pra que a gente tenha isso em longo prazo, tem que se reeducar, na verdade a gente precisa se reeducar pra tornar o nosso planeta sustentável, porque a gente sabe que vários recursos naturais eles podem acabar, então e a gente tem quem começar a cuidar disso” (P4).

2.3 Educação ambiental: redefinindo o papel da educação

Ao estabelecer uma reflexão crítica sobre os modos contemporâneos de produzir, consumir água e sobre os produtos e energia utilizados – alvo de estudos no âmbito da sustentabilidade – favorece-se também as discussões em torno de atitudes e práticas transformadoras da realidade socioambiental: a educação ambiental. Vale lembrar que a Portaria nº 1.128 de 27 de janeiro de 2010, em seu artigo 2º, estabeleceu que todas as disciplinas com a denominação de Educação Ambiental ou Estudos Ambientais sejam suprimidas nas matrizes curriculares da escola pública da rede estadual de educação básica do estado da Bahia (BAHIA, 2010). Nessa perspectiva, é urgente desenvolver “um trabalho de Educação Ambiental que contemple as questões da vida cotidiana do cidadão e discuta algumas visões polêmicas sobre essa temática” (BRASIL, 1998, p. 169).

Educação ambiental, de uma maneira em geral, eu acho que deveria começar desde a casa, porque você aprende desde criança a não jogar papel no chão, quando você tem já essa cultura, acho que nem precisaria existir uma disciplina de educação ambiental (P3).

Na fala de P3, emerge uma das questões polêmicas que dizem respeito à educação ambiental nas escolas: ser aplicada como disciplina ou como tema transversal. No caso da Escola Estadual Visconde de Itaparica, pelo fato das diretrizes da educação ambiental (BAHIA, 2010) já terem determinado a extinção da educação ambiental como disciplina da estrutura curricular do ensino básico no estado da Bahia, cabe aos professores o trabalho transversal com os alunos. P3 afirma que se já fosse incutida uma formação familiar (logo cultural) voltada para o meio ambiente, exigindo da criança hábitos que não prejudiquem a natureza, como evitar jogar papel no chão, não seria necessário que houvesse uma disciplina específica sobre o tema. Como essa situação não ocorre, as crianças, que irão se tornar brevemente alunos nessas unidades de ensino, não saberão lidar com as questões da educação ambiental se não for por intermédio das escolas, cabendo aos professores, portanto, a tarefa em proporcionar aos alunos outras formas de repensar suas atitudes para com o meio ambiente. Isso se confirma em outra fala de P3:

Mas, assim, na educação a gente procura trabalhar esses conceitos, e muitos mostram que não têm essa cultura, então o professor tem que trabalhar pra que pelo menos ele repense os seus atos, onde eles vivem (P3).

De acordo com Jacobi (2003), as próprias características da educação ambiental possibilitam que se repensem as práticas sociais e o papel dos professores como articuladores desse processo. Para Jacobi (2003, 2005), a educação ambiental representa um espaço importante no qual se possam repensar as práticas sociais e o papel dos professores como articuladores desse processo. Esse ponto fica evidente na fala de P2, quando acredita que a educação ambiental seja um tema importante para os professores trabalharem em sala de aula, fazendo com que desde cedo as crianças aprendam a cuidar

do meio ambiente:

Educação ambiental eu acho que é um bom tema também para se trabalhar em sala de aula, que engloba todos esses assuntos sobre meio ambiente, é bom principalmente para as crianças que estão começando, para que eles saibam mais tarde cuidar do meio ambiente, não é? (P2).

Cuidar do meio ambiente, ter solidariedade com os outros e com a vida no planeta, seguindo os passos da responsabilidade, são objetivos da educação ambiental. O Fórum Internacional de Organizações Não governamentais e Movimentos Sociais (1992) afirma que a educação ambiental associa-se à sustentabilidade, em um processo de aprendizagem que prioriza o respeito a todas as formas de vida. Assim sendo, alunos e professores podem compartilhar uma sociedade mais justa, sustentável e responsável na esfera socioambiental.

Educação ambiental pra mim está muito ligada com a sustentabilidade, porque o que é que vai acontecer, a gente precisa, como eu já falei antes, se reeducar pra poder cuidar do meio ambiente, não só a gente como ser individual, mas mobilizar também a nossa casa, a coletividade, a comunidade [...] então em relação à água, em relação diretamente à energia, ele diz que você tem também que se responsabilizar por tudo o que acontece em nosso planeta, então a educação ambiental ela está muito ligada à sustentabilidade (P4).

Conforme P4, a educação ambiental é um processo que deve mobilizar o indivíduo e a coletividade, fazendo com que as pessoas se responsabilizem pelo que acontece no planeta e em sua própria casa. De modo contrário a um processo educativo que distancia o teórico do prático, a educação ambiental cidadã envolve a sociedade, os indivíduos e os saberes ambientais, implicando uma educação ambiental voltada para a transformação crítica da realidade social (LOUREIRO et al., 2003). Pelo que foi visto nas falas dos alunos respondentes – que acabaram idealizando um meio ambiente limpo, repleto de árvores e natureza, organizado e cuidado, diferentemente do que estão acostumados a ver e sentir em suas comunidades – o meio ambiente aparece de forma naturalizada, destituído da problemática socioambiental que lhe é inerente, dificultando, portanto, a compreensão da crise ambiental da atualidade. Nessa perspectiva, Loureiro et al. (2003) acrescentam que a cidadania é um processo crítico, permanente, reflexivo e participativo, contribuindo para a construção de uma educação ambiental emancipatória e uma cidadania plena no âmbito do paradigma ecológico.

Então justamente é você essa educação ambiental, serve isso e educação ambiental serve também pra sustentabilidade e outros meios de recursos naturais pra sobrevivência da espécie na terra (P1).

Conforme P1, se a educação ambiental é você mesmo, o que os alunos estão aprendendo sobre educação ambiental socializada em sala de aula? Estão conseguindo associá-la às práticas sustentáveis? Do total de 40 alunos, 82,5% responderam o que é

educação ambiental. Dos que não souberam responder (17,5%), 15% foram alunos de 6º ano e 2,5% (um aluno) de 8º ano. Assim, do total de alunos, 27,5% mencionaram a questão do lixo ou a necessidade de limpeza do ambiente, tendo sido 20% de alunos de 6º ano e 7,5% de 9º ano. Nesse quesito, fica comprovado, mais uma vez, que as práticas educativas dos professores têm incentivado, em sala de aula, a necessidade de limpeza das ruas e ações que evitem que se jogue lixo no chão, para não poluir o meio ambiente. Os alunos demonstraram motivação para apontar esses temas.

Dos 10 alunos de 8º ano, 40% destacaram o respeito pela natureza. Dessa turma de alunos, 30% utilizaram respostas semelhantes, como os alunos A23, A25 e A27, em que a educação ambiental aparece como uma novidade na educação, já utilizada por alguns países, tendo sido proposta em 1999 no Brasil, como afirmaram. Do total de 40 alunos, 10% citaram o mundo ou o planeta no centro da preocupação da educação ambiental: 5% alunos de 6º ano e 5% de 9º ano, sendo que os primeiros utilizaram a expressão mundo ou terra, e os últimos o planeta. No que dizem A20 e A21, um aspecto relevante para a complexidade da problemática socioambiental é que a relação entre a vida na Terra (nesse caso, a sobrevivência) e o que se tem que aprender para cuidar do meio ambiente, não deixando essa vida acabar: “Precisamos aprender que se desmatar a vida na terra acabará” (A20); “É respeitar o meio ambiente, porque sem ele não iremos sobreviver”.

A educação ambiental serve justamente pra conscientizar as pessoas sobre a importância de um ambiente mais saudável, um ambiente lógico, que todos têm que compartilhar, pra essa geração, pras gerações futuras, então a educação ambiental envolve você conhecer o ambiente em que vive, saber a necessidade de ter um ambiente fértil e sólido e com qualidade de vida e você passar pra essas gerações vindouras que não tem muita consciência sobre o meio ambiente (P1).

Para A39, educação ambiental é: “Não jogar lixo em meio de plantações em gramas parques, com o saneamento básico fazendo parte da educação ambiental”. A39 diz que o saneamento ambiental faz parte da educação ambiental, atingindo especialmente parcelas da população mais vulneráveis e menos assistidas pelo poder público, caso desses moradores dos bairros do Cabula e entorno, conforme visto. Aliás, muitos dos problemas socioambientais da Região do Cabula e entorno surgem em meio aos processos desordenados de ocupação urbana, nos quais as comunidades locais acabam incorrendo em ações de desmatamento e descarte inadequado de resíduos. Isso provoca um aumento da poluição de leitos de rios, córregos, represas e mananciais, impactando a sobrevivência dos remanescentes das áreas verdes do município (NUNES; SOUZA, 2007).

[...] a partir até do momento em que o menino não escreve uma palavra correta, ao invés dele apagar ele vai e arranca a folha, destaca a folha e joga fora, então ali na verdade ele não está tendo uma educação ambiental porque ele está simplesmente, principalmente porque na minha sala eu não vi nenhum caderno que fosse, é, reciclado, todos na verdade não vinham também com o selo de que estava sendo cuidado no meio ambiente, que aquele caderno

ajudava a sustentabilidade do planeta, então na verdade a partir do momento quanto mais folhas ele gasta mais árvores vão ser desmatadas, então na verdade a gente precisa inculcar isso nesses meninos [...] P4.

Diante do que diz P4, é possível constatar o potencial político e pedagógico que a educação ambiental tem, já que a maioria dos sujeitos atentou para a importância de cuidar da natureza, do meio ambiente e das outras pessoas. Entretanto, para P4, a educação ambiental ainda não caminha como deveria, invocando a necessidade dos alunos terem maior conhecimento sobre o assunto. Na ótica do que diz P4, apesar dos alunos informarem nos questionários que desejam um planeta melhor, com ruas limpas, respeito pela natureza e um meio ambiente com qualidade de vida, na prática, ainda compram cadernos sem selo de sustentabilidade e arrancam folhas desnecessariamente, exigindo não somente que mais cadernos sejam comprados como mais árvores sejam cortadas, contribuindo para degradar o meio ambiente. Essa não é uma característica predominante do modo atual de produção e consumo? Para P4, isso não é educação ambiental. Também P1 faz críticas, em dois momentos distintos, em relação a essa suposta falta de consciência ambiental por parte dos alunos:

Eles vivem no meio ambiente, mas não valorizam, às vezes não sabem o valor de cada... ser vivo que tem no planeta, está entendendo, cada meio de vida, eles não sabem de onde vêm, aliás, alguns não sabem nem pra que vieram (P1).

É um conjunto de fatores que fazem com que eles não tenham uma melhor consciência ambiental, entendeu, mas a prática educativa, o continuar é que vai justamente clarear essas questões pra certos alunos, ou certo cidadão, na verdade eles não têm educação necessária ainda pra que valorizem a questão da sustentabilidade, do meio ambiente etc etc. (P1).

Conforme P1, a maioria dos alunos não se dá conta do valor da existência da vida no planeta terra, sequer tem conhecimento do seu próprio valor. A partir dos argumentos que P1 e P4 oferecem, sinalizando o nível de dificuldades que os alunos apresentam para compreender e conceber a prática desse tema, a educação ambiental deveria comportar, primeiramente, as bases críticas do processo de pertencimento e construção da identidade dos sujeitos, como bem apontam Dias e Carneiro (2012).

Apartir disso, poderiam agir para a transformação, protagonizando novas ações diante da diversidade de dificuldades econômicas, ambientais e sociais. Segundo Dias e Carneiro (2012), a transformação sociocultural é um passo dado para a formação de uma cidadania que tangencia as questões socioambientais, implicando uma cidadania participativa por parte dos discentes. A questão relevante é saber como alunos e professores encontram-se integrados na totalidade desse meio ambiente, considerando que um dos objetivos da educação ambiental é o comprometimento do cidadão em interpretar a realidade na qual está inserido. Sem isso, não parece ser possível produzir conhecimentos interdisciplinares sobre problemas socioambientais que se originam na contemporaneidade e que retornam

para o modo de vida dessas mesmas sociedades.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apartir de pesquisa de campo realizada em uma escola pública de ensino fundamental do bairro do Cabula, em Salvador, Bahia, foram analisados conceitos de sustentabilidade, meio ambiente e educação ambiental entre alunos e professores que responderam questionários e participaram de entrevistas. Ao tratar de natureza e meio ambiente, a maioria dos alunos, ao invés de contextualizar com suas próprias realidades locais, acabou por naturalizar e idealizar seus elementos. Desse modo, foram exaltados mais os aspectos físicos e biológicos que são explorados em sala de aula do que as significativas áreas verdes preservadas de mata atlântica do Cabula e entorno. Os professores também não se referiram à presença e importância desses parques, reservas, matas e represas para o contexto em que vivem 95% de seus alunos.

Ainda assim, a maioria dos alunos acredita na responsabilidade para com o meio ambiente e todos os professores afirmaram estimular atitudes sustentáveis em sala de aula, inclusive acreditando em uma melhor qualidade de vida. Todos os professores incluíram os processos de reciclagem quando se referiram à sustentabilidade, associando-a em suas práticas pedagógicas e educativas a um futuro melhor para as próximas gerações. A partir de alguns elementos citados por alunos e professores, é possível afirmar que o lixo indevidamente coletado e tratado, os desmatamentos, a poluição, a ausência de cuidado para com as pessoas e o meio ambiente constituem parte da complexidade de uma crise socioambiental na contemporaneidade. Esses elementos não podem ser reduzidos e isolados quando o que se pretende é analisar o modo como nossa sociedade vive e interage no mundo. Diante disso, percebe-se que muito ainda pode ser feito nas escolas públicas de ensino fundamental para alcançar a compreensão da realidade que se pretende transformar.

REFERÊNCIAS

BAHIA (Estado). Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Portaria n. 1.128, de 27 de janeiro de 2010. Dispõe sobre a Reorganização Curricular das Escolas da Educação Básica da Rede Pública Estadual. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, n. 20, p. 12-13, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Temas Transversais: meio ambiente**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIAS, D. S. S.; CARNEIRO, S. M. M. Contribuições para a formação da consciência socioambiental cidadã nos anos iniciais do ensino fundamental. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL – ANPED SUL. 9. 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em: www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/.../830>. Acesso em: 20 jun. 2017.

DIEGUES, A. C. **Sociedades e comunidades sustentáveis**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2003.

FÓRUM INTERNACIONAL DE ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS E MOVIMENTOS SOCIAIS. Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global. In: **Tratado das ONGs**; aprovado no Fórum Internacional de Organizações Não-Governamentais e Movimentos Sociais, no Âmbito do Fórum Global ECO-92. Rio de Janeiro: Eco, 1992, p. 193-196.

FERNANDES, R. B.; PENA, J. S.; LIMA, J. de B. Cabula: entre produção do espaço e especulação. In: SILVA, Francisca de Paula Santos da (Org.). **Turismo de base comunitária e cooperativismo**: articulando pesquisa, ensino e extensão no Cabula e entorno. Salvador: EDUNEB, 2013. p. 53-68.

FLORIANI, D. Educação ambiental e epistemologia: conhecimento e prática de fronteira ou uma disciplina a mais? **Pesq. Educ. Ambient.**, v.4, n. 2, p. 191-202, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 189-205, mar. 2003.

JACOBI, P. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005.

LOUREIRO, C. F. B. et al. (Org.). **Cidadania e meio ambiente**. Construindo os Recursos do amanhã, v. 1. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas para o entendimento humano. Campinas: Psy II, 1995.

MORIN, E. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NUNES, E.; SOUZA, D. M. de. Educação e território: estratégias de desenvolvimento local na periferia de Salvador. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 9, 2007, Porto Alegre. **Los problemas del mundo actual**: soluciones y alternativas desde la Geografía y las Ciencias Sociales. Porto Alegre, 2007.

SILVA, F. de P. S. da et al. Incubação de operadora de receptivos populares especializada em roteiros turísticos urbanos alternativos no bairro do Cabula e entorno, em Salvador-Ba. In: CONGRESSO LUSO-AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. 11. 2011. Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: CONLAB, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares#F> Acesso em: 08 mar.2017.

VERGARA, S. C. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009.

A

Acessibilidade 41, 42, 43, 44, 61, 112, 113, 114

Adultos 9, 18, 27, 28, 29, 30, 31, 38, 39, 40, 49, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 96, 104

Alfabetização 66, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 119, 120, 123, 124, 125

Ambiental 138, 139, 140, 142, 144, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 195

Ambiente 8, 20, 24, 25, 26, 32, 33, 43, 46, 48, 61, 77, 85, 90, 101, 110, 112, 113, 115, 117, 118, 121, 122, 131, 135, 139, 140, 144, 145, 148, 149, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 179, 182, 186

Análise 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 33, 35, 44, 46, 47, 54, 61, 70, 77, 90, 92, 99, 103, 111, 119, 134, 138, 143, 156, 157, 170, 173, 176, 178, 183, 186, 189, 194

Aprendizagem 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 57, 58, 73, 86, 87, 93, 102, 104, 108, 110, 114, 116, 117, 118, 123, 124, 125, 165, 170, 171, 172, 174, 175, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 189, 192, 195

Arte 51, 67, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 135, 153

Atividades 24, 34, 35, 36, 37, 38, 48, 57, 58, 65, 68, 69, 70, 72, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 100, 101, 102, 107, 115, 141, 143, 146, 147, 149, 179, 181, 182

Aula 22, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 44, 45, 47, 72, 82, 83, 84, 88, 102, 109, 114, 115, 124, 159, 161, 164, 165, 166, 168, 172, 174, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188

Avaliação 36, 44, 45, 85, 96, 97, 115, 183, 186, 191

B

Brasil 1, 19, 21, 23, 26, 32, 39, 44, 48, 54, 55, 59, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 74, 75, 76, 81, 82, 87, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 101, 110, 111, 115, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 130, 140, 142, 157, 161, 164, 166, 168, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

C

Ciência 39, 52, 63, 65, 81, 83, 92, 97, 98, 99, 122, 131, 135, 145, 146, 148, 156, 157, 158, 163

Covid-19 45, 126, 127, 130, 134, 135

Crianças 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 73, 90, 92, 115, 119, 120, 122, 123, 149, 164, 165, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

Cultura 6, 15, 19, 26, 30, 39, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 70, 75, 88, 89, 120, 128, 131, 133, 134, 141, 147, 154, 164, 178, 192

D

Desenvolvimento 20, 22, 30, 31, 32, 34, 44, 45, 53, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 73, 74, 79, 81, 83, 90, 97, 101, 102, 108, 113, 114, 120, 123, 135, 143, 147, 148, 150, 153, 154, 155, 157, 162, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 186, 190, 195

Docente 28, 29, 74, 99, 100, 104, 106, 109, 114, 117, 118, 181, 182, 186, 188, 193

E

Educação 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 37, 39, 40, 43, 44, 48, 49, 52, 54, 55, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 124, 126, 127, 131, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 142, 147, 148, 149, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 178, 180, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Educação básica 49, 82, 88, 120, 164, 168, 178

Educação física 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 112, 114, 178

Ensino 20, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 46, 48, 49, 55, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 120, 122, 124, 125, 156, 157, 158, 163, 164, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 192, 193, 195

Escola 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 31, 32, 34, 35, 39, 51, 52, 56, 60, 68, 73, 74, 81, 82, 83, 84, 85, 91, 92, 93, 94, 98, 112, 114, 120, 124, 125, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 164, 168, 171, 172, 173, 175, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193

Estudantes 22, 23, 31, 33, 42, 67, 69, 75, 96, 113, 151, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 190, 191

F

Federal 15, 16, 27, 39, 41, 42, 44, 48, 49, 54, 63, 64, 65, 68, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 111, 113, 136, 176, 193, 195

Formação 18, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 39, 42, 43, 48, 61, 65, 66, 67, 70, 80, 81, 90, 93, 94, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 121, 157, 158, 163, 164, 167, 168, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 188, 193

G

Gestão 19, 20, 23, 67, 98, 112, 113, 152, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186

I

Inclusão 28, 33, 35, 41, 42, 43, 48, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 174

Infantil 3, 4, 14, 15, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 67, 106, 115, 120, 121, 124, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 193, 195

L

Leitura 30, 32, 36, 38, 44, 51, 73, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 134, 143, 170, 171, 172, 173, 174

Liberdade 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 54, 107, 118, 128, 130, 133, 135, 147, 152, 187, 189

M

Metodologia 30, 35, 40, 42, 46, 54, 70, 74, 88, 98, 99, 102, 108, 109, 111, 158, 186

N

Necessidade 19, 31, 34, 38, 55, 65, 81, 115, 127, 134, 135, 139, 144, 148, 157, 161, 163, 166, 167, 175, 180, 181, 182

O

Oralidade 28, 30, 37, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

P

Pedagogia 27, 31, 41, 158, 178, 187, 189, 194, 195

Período 11, 12, 31, 45, 46, 52, 53, 54, 56, 64, 70, 71, 80, 81, 90, 94, 119, 126, 129, 130, 134, 150, 151, 180

Possibilidade 20, 38, 68, 81, 118, 123, 139, 171, 174, 186, 190, 192

Práticas 19, 20, 22, 37, 39, 41, 42, 44, 46, 52, 64, 69, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 109, 110, 113, 115, 120, 124, 131, 138, 141, 147, 156, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 172, 174, 179, 183, 186, 187, 191, 195

Prisão 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26

Problemas 4, 10, 14, 30, 31, 34, 35, 38, 65, 66, 67, 72, 110, 129, 130, 141, 148, 153, 156, 157, 160, 161, 163, 166, 167, 169, 181

Professores 22, 31, 32, 39, 58, 81, 84, 85, 88, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 180, 181, 182, 184, 185, 186

Q

Química 80, 96, 99, 100, 102, 103, 106, 108, 110, 111, 150

S

Sociedade 19, 20, 22, 25, 26, 30, 49, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 72, 73, 75, 79, 81, 82, 94, 96, 97, 101, 113, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 124, 128, 129, 130, 133, 134, 136, 139, 140, 141, 147, 154, 157, 161, 163, 165, 168, 176, 189, 193

T

Tecnologias 28, 29, 30, 31, 32, 37, 39, 60, 62, 111, 144, 145

Trabalho 21, 24, 25, 28, 30, 32, 34, 37, 41, 42, 43, 44, 46, 50, 51, 54, 55, 56, 58, 60, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 79, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 99, 100, 102, 104, 110, 114, 117, 118, 123, 135, 136, 141, 143, 146, 147, 148, 149, 162, 164, 170, 171, 172, 174, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 194

www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos

www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos